

INTRODUÇÃO

Que infantilidade fatigante e ridícula pra qualquer perverso, toda, mas toda a nossa correspondência! Carta de deveras carta, é documento maior, Manu, e matute bem nos que não conseguem escrever carta e muito menos sustentar uma correspondência.

Mário de Andrade

Quando escrevo imagino sempre você me lendo.

Manuel Bandeira

Cartas, inúmeras cartas. Vidas e trajetórias. Descobertas e constatações. Essas são algumas das diversas sensações que são despertadas quando nos colocamos disponíveis à pesquisa sobre o texto epistolar. Ao fazermos essa opção temática, devemos levar em consideração que estamos fazendo um “deslocamento” do objeto da crítica literária para documentos e fontes de natureza híbrida e que, por isso mesmo, não tiveram o devido valor no meio acadêmico durante muito tempo.

Podemos dizer que as cartas possuem uma face visível e diversas faces invisíveis e passíveis de serem construídas mediante o tipo de leitura que se faça delas. Quando se trata de correspondência entre escritores, o trabalho de análise se torna ainda mais complexo, pois a personalidade do autor, o seu ambiente e as circunstâncias do seu trabalho de criação e o seu momento histórico vêm à luz com uma força revigorante, isto é, tais informações contribuem para que façamos uma espécie de “reconstrução” de uma época, além de

possibilitarem o resgate de dados que estavam arqueologicamente “sepultados” em arquivos nem sempre valorizados e devidamente explorados.

A correspondência literária adquire uma dimensão especial pois nos possibilita vislumbrar outras possibilidades de interpretação da literatura produzida pelos missivistas. O diálogo instaurado no intercâmbio de cartas entre escritores contribui para o confronto das respectivas obras, bem como para a discussão dos problemas e dos meandros relacionados à criação literária em si. Desta forma, a carta se torna um espaço ficcional privilegiado para onde convergem personagens, fatos, lugares, sentimentos e desejos aflorados como num romance, ou seja, acontece um entrelaçamento da realidade com a ficção.

Nossa dissertação tem como objeto principal de estudo toda a correspondência trocada entre o escritor paulista Mário de Andrade (1893-1945) e o poeta pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968). Entenda-se por correspondência todas as cartas, cartões postais, telegramas, bilhetes, fotos, manuscritos das futuras publicações, notas às margens das folhas, partituras, dedicatórias, gravuras e quaisquer anotações paralelas às cartas que um enviou ao outro ao longo dos vinte e três anos de amizade.

Mário e Bandeira se conheceram no Rio de Janeiro, na casa do poeta Ronald de Carvalho, em 1921. Mário fora à então capital federal para divulgar os versos de *Paulicéia desvairada* que ainda não tinha ido ao prelo, então aproveitou a oportunidade para conhecer pessoalmente Manuel Bandeira, pois deste já tinha lido o *Carnaval*. Bandeira não esteve em São Paulo na ocasião da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, porém enviou

o já histórico poema “Os sapos”, este foi declamado por Ronald de Carvalho e desde então tornou-se um dos tantos escândalos do evento. O início da correspondência entre eles deu-se por iniciativa de Bandeira no dia 25 de maio daquele ano, sendo a resposta de Mário escrita no dia 6 de junho.

A partir deste momento, inicia-se um novo capítulo na História da Literatura Brasileira, pois entram em cena os bastidores que ajudaram na construção do Modernismo no Brasil. Acompanhar esse movimento construtivo é o nosso objetivo neste trabalho, este está dividido em capítulos que delineiam os temas escolhidos.

No primeiro capítulo discutimos o fenômeno epistolar em si, as dinâmicas próprias da epistolografia, a dimensão estatutária deste tipo de escrita enquanto documento histórico, literário e crítico. Procuramos desenvolver uma “teoria sobre a arte de escrever cartas” que atendesse às necessidades metodológicas da nossa pesquisa. O segundo capítulo é dedicado às diversas “intrigas” entre os escritores modernistas. É uma maneira de entendermos um pouco as “várias faces” desta Escola Artística, bem como certas particularidades um tanto ignoradas pela historiografia comum.

O terceiro capítulo tenta responder a pergunta que lhe dá título: “Modernista ou passadista?”; nossa análise tramita através desta dialética. Muitos equívocos têm sido formados pela falta de um devido esclarecimento dessas questões, principalmente quando se afirma que a modernidade sepultou a tradição; as cartas de Mário e Bandeira provam que esses valores considerados antagônicos são altamente conciliáveis e podem conviver de forma sadia.

O quarto capítulo é o mais extenso e é inteiramente dedicado à “crítica literária”. A correspondência desses escritores testemunha consideráveis mudanças entre o proto-texto (o texto primário e manuscrito) e a versão final publicada. Inumeráveis sugestões eram dadas no afã de “melhorar” a produção do correspondente, especialmente por parte de Manuel Bandeira em relação à obra de Mário de Andrade. Este capítulo também analisa a crítica em si, o ato de criticar, as motivações de ambos para tal prática. Termina com as críticas e considerações a respeito de uma obra específica – *Macunaíma*; este foi o livro mais discutido ao longo deste epistolário, particularmente nas “brigas” de ambos em função da “Carta pras Icamiabas”, totalmente repudiada por Manuel Bandeira.

O quinto capítulo é marcado pela apresentação de um amplo “projeto modernista”: a Língua Nacional. Na realidade, este foi um intuito defendido de maneira mais contundente por Mário de Andrade, que objetivava “escrever como se falava”, isto é, fazer uma aproximação entre as línguas falada e escrita. Tal projeto foi acatado por Bandeira, todavia o modo como ele foi executado por Mário foi deveras criticado pelo autor de *Libertinagem*. Acompanhar esse embate ideológico foi o nosso objetivo.

Finalmente, o sexto capítulo encerra a nossa dissertação apresentando as várias “teorias” apresentadas e discutidas através das linhas epistolares. As cartas se tornaram verdadeiros “laboratórios” de criação e desenvolvimento de postulados teóricos que ajudaram na configuração do movimento modernista brasileiro.

Optamos em utilizar a edição *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, sob a organização de Marcos Antônio de Moraes, publicado pela EDUSP em 2001. Este volume traz a correspondência recíproca de Mário e Bandeira, bem como várias fotografias e outras figuras que ajudam no “mapeamento” do panorama artístico-literário no qual ambos tanto se envolveram. Vale dizer que os trechos escolhidos para a nossa pesquisa ilustram o respectivo tema ora abordado. Priorizamos a transcrição fiel desses fragmentos, inclusive no que concerne aos neologismos, aos erros ortográficos, sintáticos e de pontuação. Outro aspecto metodológico diz respeito às datas dessas cartas: em muitas os seus autores não foram precisos, utilizando formas simplificadas como “São Paulo, 25” ou “Rio de Janeiro, outubro de 1927”. Optamos em datá-las de acordo com a edição da EDUSP, pois nesta o organizador efetivou um minucioso trabalho de comparação de fatos e situações e conseguiu fornecer referências temporais confiáveis.

Esperamos que o nosso principal objetivo – fazer uma leitura do Modernismo através dessas cartas – seja cumprido. A amizade entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira proporcionou uma infinidade de páginas escritas sob as mais diversas circunstâncias. Hoje elas são visitadas, (re)lidas, todo um universo de informações nos é apresentado. Acompanhar toda essa trajetória é uma das funções desta dissertação, a outra é contribuir para o fomento da pesquisa sobre a Literatura Brasileira, apoiando especialmente outras possíveis “leituras” da mesma.

Leandro Garcia Rodrigues

